

Romântico e eterno

Cantor italiano Peppino Di Capri faz sucesso há 50 anos e é lembrado ainda hoje por canções emblemáticas das décadas de 60 e 70

Por Vivian de Almeida Fotos: Divulgação

Existem músicas que tornam seus intérpretes universais e suas vozes, eternas. “Roberta” (1964), uma das principais composições de Peppino Di Capri, é uma delas. A letra fala de um homem amargurado por ter perdido a sua amada, que dá nome à canção. Nos versos, ele roga para que ela o perdoe e lhe devolva a felicidade. Nem de longe, contudo, a interpretação do italiano é cabisbaixa.

Em vídeos antigos, é possível ver Di Capri, hoje setentão, cabeludo e com grandes óculos de grau, interpretando sua obra-prima enquanto dedilha o piano, acompanhado por sua banda. Eram quatro rapazes vestidos com terno e gravata, cada um tocando seu instrumento: saxofone, flauta transversal, bateria e teclado. Encontravam-se ali claras influências do rock’n’roll, cujas características também modelaram a obra de Di Capri.

De lá para cá, pode-se afirmar que o artista foi uma espécie de porta-voz da música romântica italiana,

responsável por levá-la para além das fronteiras da Europa. Recordista em participações no Festival de San Remo (foram 15, ao todo, sendo a última em 2005), Di Capri cumpriu sua função, e hoje não apenas “Roberta”, mas toda a sua obra são uma referência de cultura italiana no mundo.

Um de seus grandes fãs é o escritor turco Orhan Pamuk, que levou o Prêmio Nobel de Literatura em 2006. Em seu romance *Neve*, o autor faz referência ao sentimento que a canção provoca em seu protagonista, Ka. Pamuk conta, em entrevista concedida ao jornal italiano *La Gazzeta di Mantova* em 2007, que à época em que finalizava o livro, foi a um show que Di Capri fazia em Istambul. “Achei que a melancolia de ‘Roberta’ cabia perfeitamente no meu livro”, afirmou Pamuk. O escritor diz ainda que essa foi uma das canções favoritas de sua juventude.

Fora da ficção, a canção pop melodramática dos anos 60 rendeu a Di Capri uma



O autor de “Roberta”, de 1964, inspirou-se em sua primeira mulher para compor a canção que se tornou seu maior sucesso

legião de fãs. No Brasil, fez sucesso principalmente pela força cultural dos imigrantes italianos.

Peppino Di Capri, nome artístico de Giuseppe Faiella, foi o primeiro artista italiano a fazer um “twist”, sonoridade que marca músicas populares como “Saint Tropez twist” (1962). O gênero, típico dos Estados Unidos, tem como origem ritmos como o rock’n’roll e o jazz. Não à toa, três anos depois do lançamento do trabalho, Di Capri e sua banda abriram a turnê italiana dos Beatles, que estavam no auge de seu sucesso.

Influenciados pelos rapazes de Liverpool, mas com conteúdo para fazer música própria e boa, o artista e seus companheiros começaram, nessa época, a conhecer a fama no mercado fonográfico europeu. Mas vale lembrar que a história, que deu certo, começou cedo.

Aos quatro anos de idade, um pequenino Giuseppe já dava sinais do talento que estava crescendo. Nascido em 27 de julho de 1939, em Nápoles, em uma família de músicos, o garoto cantava e tocava piano. Seus primeiros ouvintes foram alguns soldados americanos que passavam pela ilha de Capri (situada no golfo de Nápoles, a pouca distância do continente), no início dos conflitos da Segunda Guerra Mundial. Aos seis anos, começou a estudar música clássica e a se apresentar em casas da região.

O primeiro grupo do artista se chamava The Rockers. Com seus companheiros, Di Capri lançou, em 1958, *Non è peccato*, que explodiu e levou o músico a uma turnê de um ano. Depois desse primeiro *single*, vieram outros, em versões em italiano, napolitano e inglês. Logo, Di Capri era um dos principais artistas em atuação do país.

Nessa mesma época, em contrapartida, o cantor viveu uma crise na vida pessoal: separou-se de sua



Seu 50º disco, *Melancolie – Greatest Hits*, foi lançado em 2008 para comemorar os 50 anos de carreira

primeira mulher, Roberta, a mesma que inspirou sua canção mais famosa e que lhe deu um filho, Igor.

O amadurecimento musical aconteceu nos anos 70, quando o artista formou uma banda nova, a New Rockers, e venceu o prestigiado Festival della Canzone Italiana, em 1973, com a música “Non lo faccio più”. No mesmo ano, veio a canção que o acompanharia pelo resto de sua carreira, “Champagne”, que logo fez um estrondoso sucesso também na Alemanha,

na Espanha e no Brasil.

A década de 80 foi marcada, na vida pessoal, pelo nascimento dos filhos Edoardo, em 1981, que também é músico, e Dario, em 1986, que se tornou um ator famoso. Ambos são fruto da união com a bióloga Giuliana Gagliardi, sua segunda mulher. Por aqui, o nome de Di Capri já era então popular. Sua canção “Ancora con te” era tema da personagem Maura Garcez, vivida por Eva Wilma em *Roda de Fogo*, novela de Lauro Cesar Muniz e Marcilio Moraes, levada ao ar entre 1986 e 1987 na Globo.

Em 2008, comemorou meio século de carreira com o lançamento de seu 50º disco, *Melancolie – Greatest Hits*, um registro da apresentação em Roma de sua última turnê. Apesar de tantos anos de sucesso, Roberta – a de carne e osso – é ainda hoje considerada celebridade na imprensa italiana pelo papel que teve na vida e, principalmente, na obra de Di Capri.